



Being a woman in exact: representations developed in the school environment

Ser mulher em exatas: representações desenvolvidas no ambiente escolar

SILVA, Cristiane Cabral Teixeira da⁽¹⁾; SILVA, Andrea Pereira da⁽²⁾; LOPES NETA, Natercia de Andrade⁽³⁾

⁽¹⁾ ORCID <https://orcid.org/0000-0002-6966-2884>; Universidade Estadual de Alagoas/ Graduanda em licenciatura em matemática, BRASIL, E-mail: cristiane.silva5@alunos.uneal.edu.br;

⁽²⁾ ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2514-5794>; Universidade Estadual de Alagoas/ Graduanda em licenciatura em matemática, BRASIL, E-mail: andrea.silva2@alunos.uneal.edu.br;

⁽³⁾ ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5532-9300>; Universidade Estadual de Alagoas/ Professora Adjunta do curso de licenciatura em Matemática/Doutora em Ciências da Educação/ E-mail: natercia.lopes@uneal.edu.br

ABSTRACT

The insertion of women in the areas of exact sciences has been a historically slow process, since this space was almost entirely occupied by men. The search for space and visibility in this area still continues, in the midst of a society that reproduces gender inequality, it is thus highlighted that the debate around the issues related to the inclusion of women in the areas of exact sciences is of great importance. The objective of this work is to discuss perceptions about female representations in the areas of exact sciences, as well as the role of education as a transformer of women's empowerment and gender equality. Methodologically, a literature review of scientific articles published in 2021 was carried out in the Scielo database. Among the 52 productions found, 4 articles by researchers who met the inclusion criteria of this work were selected. The dialogue with these authors allowed us to understand the school environment as largely responsible for encouraging female participation in the exact sciences, as well as the constructed representations of women about their intellectual capacities.

RESUMO

A inserção das mulheres nas áreas de exatas tem sido um processo historicamente vagaroso, visto que, tal espaço era quase em sua totalidade ocupado por homens. A busca por espaço e visibilidade nesta área ainda continua, em meio a uma sociedade que reproduz a desigualdade de gênero, destaca-se assim, que é de grande importância o debate em volta das questões ligadas à inclusão das mulheres nas áreas de exatas. O objetivo desse trabalho é discutir percepções acerca das representações femininas nas áreas de exatas, assim como, o papel da educação como transformadora do empoderamento das mulheres e da igualdade de gêneros. Metodologicamente, realizou-se uma revisão de literatura de artigos científicos publicados em 2021, na base de dados da Scielo. Dentre as 52 produções encontradas, foram selecionados 4 artigos de pesquisadoras que atenderam aos critérios de inclusão deste trabalho. O diálogo com estas autoras permitiu compreender o ambiente escolar como grande responsável pelo incentivo à participação feminina nas ciências exatas, assim como as representações construídas da mulher acerca das suas capacidades intelectuais.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 19/10/2021

Aprovado: 21/03/2022

Publicação: 01/07/2022



Keywords:

Women; Gender equality;
Exact Sciences; Schools

Palavras-Chave:

Mulheres; Igualdade de
Gênero; Ciências Exatas;
Escolas

Introdução

O ambiente acadêmico reproduz as situações vivenciadas pelas mulheres na sociedade. Uma pesquisa realizada por universidades americanas aponta que, aos seis anos de idade, as meninas acreditam que a inteligência é uma característica masculina¹ e começam a ser afastadas das ciências exatas por terem sua capacidade intelectual desacreditada.

O medo da violência também faz parte do cotidiano, pois mais da metade das jovens brasileiras com idade entre 14 a 21 anos convivem com medo do assédio, 4 em cada 10 jovens afirmam terem sofrido algum tipo de violência (Brasil, 2018).

De acordo com Castro e Ferrari (2021), o próprio currículo escolar é um artefato de gênero, pois não há a presença das mulheres na linguagem, nas ciências, e com isso já se enfatiza a natureza sexista,

os currículos escolares e os currículos dos cursos de licenciatura são resultados provisórios e inacabados de disputas e negociações. O que circula e se materializa nesses currículos é resultado de processos de seleção entre conhecimentos e imagens mais valorizados, algo considerado relevante e pertinente à formação dos sujeitos (Castro & Ferrari, 2021, p.21).

As universidades não são partículas dissociadas da sociedade, se estamos no meio de um contexto que trata as mulheres de forma desigual, numa relação do que se quer ser, ou vir a ser como mulher, faz-se necessário refletir sobre a organização do conhecimento escolar para que se priorize essa temática.

Para Castro e Ferrari (2021), os costumes que vêm da Educação Básica como a separação entre filas de meninos e meninas, entre objetos, brincadeiras, cursos de meninos e meninas, retratam uma natureza binária presente na Escola e que se reproduz na Universidade.

Existe uma crença de que nós, mulheres, não somos capazes de entrar num curso das ciências exatas. No imaginário social, as engenharias são áreas de meninos, e no mercado de trabalho as oportunidades de emprego e salários são diferenciados.

A academia precisa discutir sobre o ser mulher. Se entender feminista é se encaixar na história de várias outras mulheres que lutaram pela igualdade de gênero. De acordo com Butler (2003, p. 23), “A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento”. Para Butler, feministas são

¹ Pesquisa publicada no periódico Science, realizada por especialistas da Universidade de Illinois, Universidade de Nova York e da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

peessoas que acreditam em igualdade social, política e econômica entre os sexos, independente de identidade de gênero ou orientação sexual.

Para Nogueira (2001), a história do feminismo costuma ser contada a partir do século XIX e dividida em movimentos conforme as reivindicações de cada época.

O primeiro movimento feminista iniciou entre o século XIX e o início do século XX, onde as mulheres lutavam por igualdade política e jurídica entre os gêneros. O segundo movimento, entre 1960 e 1980, discutiu a autonomia do corpo e a liberdade sexual da mulher. Entre o final dos anos 80 e o início dos anos 90 houve o movimento de reconhecimento das diferenças, onde o debate sobre raça, classe social, orientação sexual e identidade de gênero passam a fazer parte do debate feminista. Algumas teóricas afirmam que estamos no 4º movimento de mulheres que se recusam a silenciar, que fazem uso de redes sociais e denunciam abusos em espaços públicos e privados. Na verdade,

As questões feministas não se encerram em torno de "uma mulher", como um sujeito único, mas de "mulheres": brancas, negras, domésticas, índias, ricas, donas de casa, artistas, lésbicas, trans, entre tantas outras, que por serem diferentes e iguais sofrem iguais e diferentes opressões (Coelho, 2016).

A reivindicação pela educação faz parte do movimento feminista. Ainda no século XIX, as mulheres não podiam frequentar as universidades. Hoje, percebemos que muitos espaços foram conquistados, mas não reconhecidos. Por isso, é importante discutir a temática de igualdade de gênero na academia e enfrentar os discursos machistas, misóginos e patriarcais presentes nas instituições de ensino.

A inserção das mulheres nas áreas de exatas tem sido um processo historicamente vagaroso, visto que, tal espaço era quase em sua totalidade ocupado por homens. A mulher é vista como um ser frágil, comparada ao homem com relação a força física, e considerada inferior a ele no que se refere a possuir conhecimento intelectual, tem ainda uma porcentagem baixa de ingresso nos cursos das áreas de exatas, assim como na publicação de artigos científicos. Esta questão, que advém de desigualdade de gênero, se introduz desde a criação familiar e até mesmo na escola ao organizar, por exemplo, meninos e meninas de formas distintas (Santos, Assis & Radl-Philpp, 2021).

Diante disso, destaca-se que deve partir da escola a desconstrução dessa desigualdade, de modo que as meninas acreditem em seus potenciais, na capacidade do sucesso escolar e profissional independente da área escolhida. A escola pode educar promovendo uma reflexão sobre a vida, fazendo a mulher, desde cedo, reconhecer seu espaço no mundo (Lopes Neta & Silva, 2021).

A discussão das questões acerca da inserção feminina na área das ciências exatas é de extrema relevância no âmbito social e educacional. Nessa perspectiva, este estudo objetivou

discutir percepções em relação às representações femininas nas áreas de exatas, assim como o papel da educação como transformadora diante da desigualdade de gêneros.

Fundamentação Teórica

Quando se fala em ser mulher no século XXI, quais as pautas mais urgentes? No Brasil somos mais da metade da população, mesmo assim, os dados de representatividade e igualdade não são nada animadores. Segundo o Dieese (2021), ganhamos 23% a menos que os homens. De 2019 a 2020, 8,6% a mais de mulheres ficaram fora da força de trabalho, e o número de mulheres empregadas diminuiu 5,7 milhões.

Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (Brasil, 2020), mostram que a mulher brasileira é uma das que mais sofrem com a violência doméstica em todo o mundo. O Brasil amarga a 5ª posição no ranking mundial de feminicídio. A pandemia de Coronavírus fez com que os agressores passassem mais tempo ao lado de suas mulheres, e a taxa de mortes provocadas por feminicídio, que crescera 7,1% de 2019 para 2020, saltou para 11%, com 40% a mais de denúncias sobre violência doméstica. Isso sem contar com as subnotificações, reflexos da pandemia.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud, 2020) analisou 75 países, representando 4/5 da população mundial. Os resultados nos mostram que 90% destas pessoas pesquisadas possuem preconceito de gênero, e isso inclui as próprias mulheres. A justificativa para que os homens ganhem mais que as mulheres é devido a capacidade intelectual e, é justo esse tipo de tratamento diferenciado que existe no mercado de trabalho.

A dificuldade de ascensão das mulheres está relacionada, portanto, ao sistema capitalista, ou seja, à acumulação que possibilitou a criação desta perspectiva do colonialismo e que tem haver com as posições sexistas, nas quais a mulher é “coisificada”, e sendo assim, vem de forma gratuita, barateada (Pereira, 2017). Ao acessar o mercado de trabalho, a mulher se vê em desvantagem em comparação ao homem. Essa divisão de classes que o capitalismo traz está atrelada a questões raciais e sexistas (Ballestrini, 2013). Quando a Escola não trata destas questões causa distorções ativas, porque não se reflete sobre o passado e se nega o preconceito (Munanga, 2010). Nesse viés, os homens continuam a explorar o capital e as mulheres a serem exploradas, sendo essa a classe menos favorecida.

Num resgate histórico sobre a representatividade feminina, podemos afirmar que vivemos nas últimas décadas a continuação das lutas que existem desde a escravidão,

o feminismo contemporâneo surge como parte dos movimentos dos anos sessenta que, ainda que se tenham originado nos partidos de esquerda, e estejam vinculados a eles, vão muito além deles ao expressar uma série de problemas que a esquerda havia sido capaz de assumir (Astelarra, 1983, p. 51).

Esse movimento no Brasil tem particularidades que refletem a diversidade do nosso País como as questões do feminismo negro e indígena, por exemplo. Figueiredo (2016, p. 7) afirma que:

apesar dos estudos sociológicos ou antropológicos recortarem com bordas tão precisas os estudos de raça ou etnia, na prática raça e etnia estão imbricadas na sociedade. Essa imbricação é percebida plenamente quando se trata do racismo que atinge sejam índios ou negros. Que tanto raça quanto etnia sejam construções sociais, esmiuçadas por inúmeros estudiosos de vários campos, não há dúvida. Resta compreender o porquê de raça ter sido ligada à aparência, e de etnia à essência.

Os debates interseccionais sobre ser mulher em ambientes machistas, racistas, homofóbicos, fazem aflorar situações de opressão para vários grupos femininos. Em etnias indígenas, os matrimônios precoces, as áreas de ocupação que não possuem escolas, a dificuldade para mulheres indígenas ingressarem na Universidade devido às suas atribuições na aldeia, o receio das famílias indígenas da mulher sair do território e voltar com pensamento diferente que a distancie de sua cultura, são alguns dos desafios que as mulheres indígenas enfrentam.

Vimos sofrendo muito abuso, tanto de expulsar nossos antepassados da terra, como também estupraram nossos parentes e antepassados. Com isso, veio surgindo um medo muito grande. Uma fobia de tudo. Não só do fazendeiro como do homem branco. [...] Tem muita depressão, ansiedade dentro da comunidade. Não só na minha, como várias outras etnias que, se não é pelo fazendeiro, genocídio, é pela igreja que tem medo de tudo (Mata, 2016, p. 79).

Nunca fomos tão conscientes dos perigos de estar em um ambiente machista, da importância de erradicar a violência contra as mulheres, o feminicídio, o assédio sexual, mas ainda encontramos resistência na educação superior para combater o machismo escancarado e velado. Por isso, este movimento também precisa trazer os homens para a discussão sobre questões de gênero, porque eles estão em cargos no poder público, estão em cargos de liderança e decidem sobre a destinação dos recursos públicos e as prioridades das Instituições. Conscientizando a liderança masculina da necessidade e preocupação com os altos índices de violência contra a mulher, entendemos que partimos para a reflexão e a transformação do comportamento para que eles possam lutar contra o modelo vigente cis-heteropatriarcal. Segundo Mercadante (1982, p. 3), “Pensar a possibilidade de uma relação homem/mulher mais criativa não é uma tarefa exclusiva do feminismo, é uma tarefa nossa e inadiável”. Matias (2008. P. 14) define um homem que defende a causa feminista:

Homens, investigadores ou não, que procuram refletir sobre a sua atividade (militante, intelectual ou social) numa perspectiva crítica do androcentrismo, próxima do pensamento feminista; homens que, pela sua atividade, revelam a dominação masculina e participam na sua erradicação de forma efetiva; os homens pró-feministas são assim homens que apoiam as mulheres na sua luta por igualdade e liberdade.

Visando estender essas discussões fortalecidas pelos movimentos que têm ocupado a mídia, as redes sociais e as ruas, surgem os coletivos feministas que tentam combater o assédio, o machismo e as opressões que existem nos ambientes acadêmicos, através da articulação entre várias mulheres, de vários setores, com o objetivo de mudar a sociedade. Esses coletivos não fazem uso de uma ideologia remota, de um conto. Eles revelam o que se passa no cotidiano. Trata-se de uma busca pela sobrevivência das mulheres em um mundo hostil.

Esses debates em torno do feminismo devem estar presentes na academia porque, por vezes, acabamos naturalizando muitos tipos de violência e não percebemos a realidade cruel que estamos vivendo. Com um olhar mais cuidadoso e a importância da luta feminista, podemos traçar um caminho, longo, mas eficaz, em busca da igualdade de gênero. Todas estamos lutando pela mesma razão: por um mundo mais igualitário. A futuridade é feminina.

Procedimento Metodológico

Para a realização desta pesquisa desenvolveu-se uma revisão de literatura à partir de extratos de artigos científicos publicados em 2021 na base de dados do Portal da Scielo (Biblioteca Eletrônica Científica Online). Foram encontrados 52 artigos a partir das palavras-chaves: “mulher”, “exatas”, e “educação”. Os artigos que mais se relacionaram com o objetivo de nosso trabalho foram:

Quadro 1. Seleção de artigos científicos publicados em 2021

Título	Autoras/es
Políticas educacionais para inclusão de mulheres no mercado de trabalho das áreas exatas	Santos, Assis e Radl-Philpp
Decolonialidade e questões de gênero: as mulheres na área de exatas	Lopes Neta e Silva
Sexismo e docência do ensino superior: análise da representatividade feminina na docência dos cursos de exatas	Sousa
Meninas Velozes: Equidade de gênero em STEM no contexto da Base Nacional Comum Curricular	Alves et al.

Fonte: pesquisa realizada pelas autoras.

Desenvolvimento

No estudo realizado por Santos, Assis e Radl-Philpp (2021), intitulado “Políticas educacionais para inclusão de mulheres no mercado de trabalho das áreas exatas”, apresenta

uma reflexão sobre a inserção feminina no ensino superior na área de exatas. De acordo com as autoras, historicamente existe uma divisão entre homens e mulheres no sentido de ocupar posições dentro desse ambiente, inferiorizando a capacidade intelectual da mulher.

Santos, Assis e Radl-Philpp (2021) fazem uma análise acerca da invisibilidade da mulher, atribuindo a razão disso à “[...] configuração dos papéis direcionados para os gêneros”. Nesse sentido, destaca-se a família e a escola como reprodutoras das desigualdades de gêneros, visto que é nesses contextos que provocam-se as “escolhas profissionais”. Com isso, entende-se que cabe à escola, desde a educação básica, incentivar a participação feminina nas áreas de exatas, proporcionando visibilidade à capacidade intelectual da mulher. Segundo as autoras,

Apesar dos avanços para promoção de políticas de inclusão da mulher nas áreas das ciências exatas, ainda notamos a existência de uma Educação Básica baseada em padrões impregnados da lógica sexista. Outro fator significativo corresponde à divisão sexual do trabalho, no qual a mulher dividi-se entre as funções relacionadas ao seu ambiente de trabalho e das funções relacionadas com o lar e o ato materno. Torna-se, portanto difícil conciliar as tarefas destinadas a família e a ciência (Santos, Assis & Radl-Philpp, 2021, p. 5322).

Nesse sentido, considera-se que se reproduzem “discursos de colonização” no processo de educação quando a escola não assume esse papel de provocar mudanças, quebrando esses “padrões impregnados” (Lopes Neta & Silva, 2021). No que se refere as “tarefas destinadas a família”, citado acima, destaca-se na “formação emocional e psicológica” da mulher a preocupação com as causas sociais que influenciam nas escolhas profissionais (Sousa, 2021).

Segundo Sousa (2021), atualmente a mulher tem ocupado progressivamente espaço nos cursos das áreas de exatas. Desse modo, a autora destaca que é indispensável que se discuta no ambiente escolar essa questão de modo que esse debate contribua para o desenvolvimento de uma sociedade com representações sociais constituídas em igualdade de gêneros (Sousa, 2021). Nessa perspectiva, entende-se o meio escolar como um grande responsável pelo crescimento da atuação feminina na referida área.

Lopes Neta e Silva (2021) apontam que, em decorrência das representações construídas acerca das posições profissionais ocupadas pelas mulheres, “a mulher tem dificuldade em reconhecer seu lugar no mundo”. Assim, para que tais representações sejam desconstruídas, essa transformação deve ser trabalhada na própria mulher.

Para Alves et al. (2021), considerando “a baixa representatividade feminina nas áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática, ações precisam ser incentivadas e continuadas nas escolas de ensino básico, no sentido de motivar meninas e adolescentes para essas áreas”. É de extrema relevância que haja políticas públicas que contribuam com essa transformação, incentivando as mulheres a escolherem cursos e profissões na área de exatas e a lutarem por esses espaços.

No que se refere a área de pesquisas, Santos, Assis e Radl-Philpp (2021) evidenciam a falta de destaque em trabalhos acadêmicos sobre as participações femininas no

desenvolvimento das ciências exatas. Com isso, percebe-se que, apesar de existir a contribuição de mulheres nesse desenvolvimento, essas participações foram invisibilizadas por uma sociedade machista. Entretanto, ainda segundo as autoras, atualmente existem “financiamento à pesquisa” de órgãos que objetivam incentivar e promover as participações de mulheres nas pesquisas na área das ciências.

Conclusão

Esse trabalho foi desenvolvido dentro de uma problemática que versa sobre a busca por espaço e visibilidade das mulheres na área de exatas, em meio a uma sociedade que reproduz a desigualdade de gênero, onde as mulheres ganham menos que os homens, são minoria nas empresas, e estão determinadas a seguirem profissões tidas como femininas.

O objetivo deste artigo foi discutir percepções acerca das representações femininas nas áreas de exatas, assim como, o papel da educação como transformadora do empoderamento das mulheres e da igualdade de gêneros.

Através de um resgate histórico, foi possível perceber que as mulheres foram altamente reprimidas para não seguirem na área de STEM (ciência, tecnologia, engenharia e matemática), essa invisibilidade feminina traz consigo a concepção machista de que o cérebro da mulher é inferior ao dos homens.

Quando se fala em pesquisas na área de exatas, os nomes de homens são os que vêm a mente, como Albert Einstein, Isaac Newton, Charles Darwin, entre outros. Após muita resistência feminina e luta pela representatividade, algumas vitórias foram alcançadas.

Diante do debate tecido, nota-se que, embora as mulheres já tenham alcançado determinados espaços, que antes eram exclusivamente dos homens, a aceitação e o reconhecimento da ocupação feminina em diversos espaços ainda são escassos. No que se refere à participação feminina no âmbito das ciências exatas, compreende-se o ambiente escolar como grande responsável pelo incentivo a essa participação, assim como motivador das representações construídas na mulher acerca das suas capacidades intelectuais e reconhecimento do seu lugar no mundo. Nessa perspectiva, a escola deve ser atuante no processo de desconstrução da desigualdade de gênero presente na sociedade.

Uma possível forma de favorecer a ampliação das mulheres nas ciências é o reconhecimento às suas práticas significativas nas instituições de ensino, o empoderamento feminino pode ser alcançado através desta visibilidade desde a Educação Básica.

Entendemos que a Universidade é um espaço de exercício de liberdade de pensamento e de aceitação da diversidade de gênero, um território de luta e de resistência a uma estrutura machista que insiste em se perpetuar, desta forma, o diálogo sobre a equidade de gênero deve ser priorizado, principalmente, nos cursos de licenciatura cujas/os docentes irão atuar na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- Alves, I. C., Silva, K. G. S., Viana, D. M., Carvalho, C. E. S., Rodrigues, K. C. T., Almeida, T. M. C., Lisniowski, S. A., Ganem, V. (2021). Meninas Velozes: Equidade de gênero em STEM no contexto da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Educação Contemporânea*, 24(1), 27-35, abr.
- Astelarra, J. (1983). *Democracia e Feminismo*. Editora Zona Aberta.
- Ballestrini, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 17(1), 89-117, maio/ago. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s010333522013000200004&script=sci_abstract&tlng=pt
- Bolzani, V. S. (2017). Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas? *Ciência e Cultura*, 69(4), 56-59, out. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000400017&lng=en&nrm=iso
- Brasil. (2018). Conselho Nacional do Ministério Público. *Violência contra a mulher: um olhar do Ministério Público Brasileiro / Conselho Nacional do Ministério Público*. – Brasília: CNMP.
- Brasil. (2020). Coronavírus: sobe o número de ligações para canal de denúncia de violência doméstica na quarentena [Internet]. Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ODNH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/coronavirus-sobe-o-numero-de-ligacoes-para-canal-de-denuncia-de-violencia-domestica-na-quarentena>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Civilização Brasileira.
- Castro, R. P., Ferrari, A. (2021). Currículo e formação em pedagogia: o que dizem estudantes sobre os paradoxos que marcam o trabalho com relações de gênero e sexualidades? *Revista Brasileira de Educação*, 26, 125-141, jun. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260040>
- Coelho, M. P. (2016). Vozes que ecoam: Feminismo e Mídias Sociais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(1), 214-224, jun. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000100017&lng=pt&nrm=iso
- Dieese. (2021). Estudos sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres, 1(1), jan.
- Figueiredo, K. (2016). Racismo: O instrumento disfarçado na negação de direitos: A luta dos indígenas da Terra Maró (PA). *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia: Ética, Diversidade e Conflitos*, João Pessoa, PB, Brasil.
- Lopes Neta, N. A., Silva, D. P. (2021). Decolonialidade e questões de gênero: as mulheres na área de exatas. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 33241-33248.
- Mata, L. K. G. (2016). Memória do sagrado enquanto resistência ao medo. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP-SP (Org.), *Povos indígenas e psicologia: A procura do bem viver* (pp. 79-83). CRP.
- Matias, D. F. M. (2008). Narrativas de homens feministas portugueses. [Dissertação Mestrado em Psicologia Comunitária], Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Mercadante, A. (1982). Ser macho é cinza. *Mulherio*, 2(7), ago.
- Munanga, K. (2010). Mestiçagem como símbolo da identidade brasileira. In: B. S. Santos, M. P. Meneses. *Epistemologias do Sul*. (pp. 444-454). Cortez.

- Pereira, A. F. C. (2017). Processos e práticas decoloniais na formação de professores. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 3, ed. especial, dez. 2017.
<https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/473>
- Pnud. (2020). Brasil: Onde está o compromisso com as mulheres? Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
- Porque o machismo cria barreiras para mulheres na tecnologia. (2021, 17 jun). *Programaria*.
<https://www.programaria.org/especiais/mulheres-tecnologia/>
- Santos, C. S., Assis, D. L. M., Radl-Philipp, R. M. (2021). Políticas educacionais para inclusão de mulheres no mercado de trabalho das áreas exatas. *Brazilian Journal of Development*, 7(1), 5314-5325.
- Sousa, S. P. (2021). Sexismo e docência do ensino superior: análise da representatividade feminina na docência dos cursos de exatas. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*, 6, jun. 2021.